

Pedimos Memória, Verdade e Justiça para João Maria Ximenes de Andrade

O presente documento em Word está formado por diversos elementos, além do relato biográfico, e ao todo talvez seja a principal prova material da sua ausência entre nós, fora as dores enormes que ainda repercutem no dia a dia da nossa família, que, com grande medo e sem saber o que acontecia, apagou a própria história por mais de 40 anos. No caminho, mãe, irmãs e irmão foram enterrados sem saber onde foi parar o corpo do grande Quinho. Estas palavras e documentos são a matéria que resta de uma pessoa que foi sequestrada e, ainda hoje, desconhecemos onde é que ele está e que sofrimento passou em um período tão hediondo da nossa história. Todos os documentos aqui foram revelados e unidos ao longo do tempo, pois estavam trancados em diversas caixas familiares. Apenas com a morte de Joaquim Pereira, marido da dona Vera Ximenes (hoje com 99 anos, ainda esperando uma resposta do Estado), irmã do Quinho, tais papeies, talvez os mais importantes, permitiram a reconstrução da história negada pelo Estado e, em certa medida, pela nossa família, que não conseguiu se envolver com outros familiares de desaparecidos, por um ou outro motivo entre os tantos e complexos que podem existir quando uma família já possui um passado de tortura e escravidão.

Guardados com medo, igual que outros objetos do Quinho, perdidos ao longo do tempo, pois Quinho morou em casa da várias irmãs que o acolheram durante a ditadura, e em cada uma delas deixou objetos e sentimentos eternos, entre eles, livros que hoje estão entre seus sobrinhos.

Depois do pequeno texto biográfico, apresentamos:

1- Foto do Quinho ainda jovem. Favor observar que o Quinho era negro e não branco como consta no documento da denúncia de sequestro e na partida de nascimento.

2- Caderneta de estudante do Quinho. Ano 1962. PUC - São Paulo. Faculdade de Ciências Econômicas. Também incorporamos a caderneta do Centro de estudantes Leão XIII.

3- Denúncia de desaparecimento. Favor observar que constam vários dados que podem permitir saber até onde foi levada a investigação e até onde não. Observar que há familiares que dizem que o Quinho foi levado de um bar e outros dizem que foi de dentro da sua casa. Em nenhum caso se fala de desaparecimento e sim de sequestro, apesar de no momento foi levado sem resistência, pois nenhum relato familiar indica luta física.

4- Ano 1960: pedido de intercâmbio para Universidad de la Amistad de los Pueblos (URSS). Talvez uma das principais provas matérias do envolvimento do Quinho na militância, pois a sua família não conhece com certeza qual foi a sua trajetória política. Sendo ele negro, sabemos das extremas dificuldades que passou e humilhações que teve que superar para estar em uma faculdade. Acreditamos que durante este período universitário anterior a ditadura ele se formou lendo autores de esquerda.

5- Capa do livro O Capital.

BIOGRAFIA

João Maria Ximenes de Andrade, número de Título Eleitoral 238970, data de nascimento 15 de agosto de 1933, sequestrado e desaparecido, nasceu na cidade de Agudos –SP. Após a morte do pai, Cantidiano Ximenes de Andrade, quem se casou com mais de 40 anos com a Djanira Silva Ximenes de Andrade, de 14 anos, migrou para a cidade de Garça-SP, onde trabalhava na roça catando algodão. Seus avôs maternos eram André Silva e Magdalena das Dores Silva, pessoas escravizadas, e os paternos Anna Francisca de Matos e João Batista Ximenes de Andrade, provavelmente de família espanhola. Junto com as irmãs e um irmão migrou para a cidade de São Paulo, onde estudou na Faculdade de Ciências Econômicas Contábeis e Atuariais da PUC-SP. Entre os familiares era conhecido por “Quinho”, sendo o filho mais novo da família Ximenes de Andrade.

Quando sequestrado, morava na Rua Maria Cândida, nº 950, no bairro Vila Guilherme, zona norte da cidade de São Paulo. Anteriormente seu endereço era Estrada da Conceição nº 168, segundo consta no Título eleitoral. Desapareceu em 1974 em Vila Medeiros, bairro onde ele se encontrava em bares com alguns clientes ou

amigos. Assim foi levado por agentes. Também ha depoimentos diferentes na família que dizem que ele foi levado da casa dele, o qual não coincidiria com a denuncia feita na época pela sua irmã, dona Vera, pois ele não morava em Vila Medeiros. Depois desse episódio, nunca mais tivemos notícia alguma do seu paradeiro.

Na época realizou-se uma denúncia, além de publicações em jornais e pesquisas particulares por delegacias, hospitais e outras instituições, e até no exército, onde recomendaram o fim da procura. Quinho contou em diversas ocasiões ser membro do Partido Comunista, chegando a pedir um intercâmbio universitário na URSS em 1962, o que foi rejeitado.

Seu legado para história da nossa família está formado por uma estante de livros, entre os romances e os livros contábeis, as publicações a respeito da China do período de Mao Tsé Tung e o O Capital (do qual só restou a capa arrancada), além de outros livros e documentos envelhecidos. Apesar de na época morar com uma das irmãs – Wolfanga, já falecida – era tido, como hoje se diz, “na dele”. Antes de morar na casa de Wolfanga, morou na casa da irmã Elza e também na casa da dona Vera.

O período é impreciso e há poucos dados sobre sua vida entre os familiares diretos que ainda estão vivos, já que apenas vivem suas irmãs, dona Helena e dona Vera. Restam sim vários sobrinhos, sobrinhos netos e sobrinhos bisnetos.

50 anos após o Golpe de Estado, e meio século de impunidade, não esquecemos do Quinho e sua luta e pedimos justiça para sabermos onde ele está.

Também pedimos que se comuniquem com suas irmãs o antes possível, pois ambas tem mais de 88 anos e merecem ter notícias diretas que não sejam da própria família!

Muito obrigado,

Rodrigo Arreyes e Luiz Alberto Previtalle